



OS IMPACTOS DA PLATAFORMIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

The impacts of the platformization of Education on teacher professional identity

Los impactos de la plataformización de la educación en la identidad profesional docente

Luciana Rodrigues Ramos¹, Vania de Fátima Matias², Neide de Almeida Lança Galvão Favaro³, Gabriela Campos Brischiliaro⁴

Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR, Brasil

RESUMO

A crescente plataformação da educação, marcada pelo uso intensivo de ambientes e ferramentas digitais por parte dos estudantes, tem impactado diretamente na construção da identidade profissional docente. Este artigo tem como objetivo analisar criticamente a plataformação da educação e seus efeitos na identidade e na autonomia profissional docente, problematizando como a lógica algorítmica e mercadológica das plataformas digitais desafia seus fundamentos. Com base em pesquisa bibliográfica e análise dialética, dialoga-se com autores nacionais e internacionais para compreender essa lógica tecnológica e como ela influencia a construção da profissionalidade docente. Ao explorar a polissemia do termo plataformação, identifica-se sua expansão mundial em meio às estratégias atuais para a ampliação do capital, destacando-se esse fenômeno na educação. A plataformação nesse espaço revela-se como um processo complexo, multifacetado, que articula dimensões econômicas, tecnológicas, políticas, gerenciais e epistemológicas, impactando profundamente a organização do ensino e o exercício da docência. Os resultados indicam que a substituição da mediação pedagógica por algoritmos, tutoriais e respostas automatizadas fragiliza a dimensão reflexiva e crítica do trabalho docente e o professor passa a ser visto apenas como executor de conteúdos padronizados. Conclui-se que a plataformação da educação, se não for amplamente debatida de forma crítica e contextualizada, representa uma ameaça concreta à autonomia profissional dos docentes e à função social da educação, colocando em risco princípios democráticos e formativos que historicamente sustentam a prática pedagógica.

Palavras chave: Plataformação da educação; Identidade docente; Autonomia profissional; Mediação pedagógica; Tecnologias digitais.

ABSTRACT

The increasing platformization of education, marked by the intensive use of digital environments and tools by students, has directly impacted the construction of teachers' professional identity. This article aims to critically analyze the platformization of education and its effects on teachers' professional identity and

¹ Unifatecie, Núcleo de Ciências Humanas e Sociais, Mestre em Formação Docente Interdisciplinar, Grupo de Pesquisa Trabalho e Educação na Sociabilidade do Capital (GEPTESC). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-1808-4604> E-mail: luciana.rodrigues4@escola.pr.gov.br

² Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, Pós Doutora, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Educação Física e Políticas Educacionais (GEEFE). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-4631-1245> E-mail: vfmsouza@uem.br

³ Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação, Dra. em Educação (UFSC), líder do Grupo de Pesquisa Trabalho e Educação na Sociabilidade do Capital (GEPTESC). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-0569-7225>. E-mail: nalgfavaro@uem.br

⁴ Universidade Estadual de Maringá, Acadêmico do 4º ano de Enfermagem, Membro bolsista do Projeto de extensão "Mãe Canguru" e participante da Liga Acadêmica de Enfermagem Materno-Infantil. ORCID id: <https://orcid.org/0009-0009-1516-778X> E-mail: gbrischiliaro@gmail.com

autonomy, problematizing how the algorithmic and market-driven logic of digital platforms challenges its foundations. Based on bibliographic research and dialectical analysis, it engages with national and international authors to understand this technological logic and how it influences the construction of teacher professionalism. By exploring the polysemy of the term "platformization," its global expansion is identified amidst current strategies for the expansion of capital, highlighting this phenomenon in education. Platformization in this space reveals itself as a complex, multifaceted process that articulates economic, technological, political, managerial, and epistemological dimensions, profoundly impacting the organization of teaching and the practice of teaching. The results indicate that replacing pedagogical mediation with algorithms, tutorials, and automated responses weakens the reflective and critical dimension of teaching work, and the teacher is seen only as an executor of standardized content. It is concluded that the platformization of education, if not widely debated in a critical and contextualized manner, represents a concrete threat to the professional autonomy of teachers and the social function of education, jeopardizing democratic and formative principles that historically underpin pedagogical practice.

Keywords: Platformization of education; Teacher identity; Professional autonomy; Pedagogical mediation; Digital technologies.

RESUMEN

La creciente plataformaización de la educación, marcada por el uso intensivo de entornos y herramientas digitales por parte del alumnado, ha impactado directamente en la construcción de la identidad profesional docente. Este artículo busca analizar críticamente la plataformaización de la educación y sus efectos en la identidad y autonomía profesional docente, problematizando cómo la lógica algorítmica y mercantil de las plataformas digitales desafía sus fundamentos. A partir de la investigación bibliográfica y el análisis dialéctico, se consulta a autores nacionales e internacionales para comprender esta lógica tecnológica y cómo influye en la construcción del profesionalismo docente. Al explorar la polisemia del término "plataformización", se identifica su expansión global en medio de las estrategias actuales de expansión del capital, destacando este fenómeno en la educación. En este contexto, la plataformaización se revela como un proceso complejo y multifacético que articula dimensiones económicas, tecnológicas, políticas, gerenciales y epistemológicas, impactando profundamente la organización y la práctica docente. Los resultados indican que reemplazar la mediación pedagógica por algoritmos, tutoriales y respuestas automatizadas debilita la dimensión reflexiva y crítica de la labor docente, y el docente es visto únicamente como ejecutor de contenidos estandarizados. Se concluye que la plataformaización de la educación, si no se debate ampliamente, de forma crítica y contextualizada, representa una amenaza concreta para la autonomía profesional del profesorado y la función social de la educación, poniendo en peligro los principios democráticos y formativos que históricamente sustentan la práctica pedagógica.

Palabras clave: Plataformización de la educación; Identidad docente; Autonomía profesional; Mediación pedagógica; Tecnologías digitales.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a educação tem atravessado um processo acelerado de transformação digital, impulsionado por políticas públicas, interesses corporativos e pela promessa de inovação e eficiência. Esse fenômeno, conhecido como plataformaização da educação, não se restringe apenas à introdução de tecnologias nas escolas, mas representa uma mudança estrutural na forma como o conhecimento é produzido, mediado e consumido. Consequentemente, tem efeitos diretos no trabalho e na identidade docente.

A identidade profissional não é considerada uma essência fixa, como aponta Dubar (1998), mas um processo contínuo de construção e reconstrução. Em nossa linha de análise, é preciso especificar que isso se dá nas relações de trabalho, na formação e na prática cotidiana, mediante determinantes socioeconômicos capitalistas. Assim, compreender os impactos da plataformaização nesse processo é

fundamental para refletir sobre os rumos da educação contemporânea e sobre o lugar que se reserva ou se retira do professor. A descaracterização da função docente, o esvaziamento da autonomia e a reconfiguração dos saberes profissionais emergem como preocupações centrais diante da crescente dependência de soluções digitais que, muitas vezes, não dialogam com a realidade concreta das escolas e de seus sujeitos.

A fim de contribuir nesse debate, esta pesquisa tem como objetivo analisar criticamente a plataformização da educação e seus efeitos na identidade e na autonomia profissional docente, problematizando como a lógica algorítmica e mercadológica das plataformas digitais desafia seus fundamentos.

Justifica-se este estudo pela urgência em compreender, problematizar e resistir às tendências que ameaçam reduzir o ensino a processos automatizados, esvaziando o papel do professor como mediador de conhecimentos socialmente referenciados para formar sujeitos críticos, criativos e autônomos.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A abordagem metodológica adotada é de natureza dialética, fundamentada em pesquisa bibliográfica, com aporte teórico nacional e internacional, a fim de dialogar com autores que discutem a formação, os saberes e a identidade docente em perspectiva crítica. O objeto de estudo centra-se nos impactos da plataformização da educação na identidade e na autonomia profissional docente, a partir da análise crítica de produções acadêmicas que discutem a autonomia docente, a mercantilização da educação e as transformações provocadas pelas tecnologias digitais no contexto escolar.

De acordo com Severino (2016), a pesquisa bibliográfica é aquela que se desenvolve a partir do exame de materiais já publicados, com o objetivo de interpretar, correlacionar e discutir concepções e resultados sobre determinado problema. Assim, o levantamento bibliográfico abrangeu livros, artigos científicos, dissertações e teses obtidos em bases de dados como *Scielo*, *Google Scholar*, Periódicos Capes e repositórios acadêmicos. Procedemos uma pesquisa bibliográfica detalhada que nos auxiliou na organização e teorização do processo de plataformização da educação, para identificar as questões-chave a serem discutidas no processo.

A coleta do material foi realizada em bases de dados reconhecidas na área da educação, utilizando descritores previamente definidos: “plataformização”, “identidade docente”, “trabalho docente”, “tecnologias educacionais” e “políticas digitais”. Foram selecionadas produções publicadas entre 2019 e 2025, período em que a literatura sobre plataformização se intensificou. Os critérios de inclusão consideraram: pertinência temática em relação ao problema investigado, relevância teórica, rigor metodológico e aderência ao campo educacional. Em consonância com Gil (2008), foram excluídos materiais duplicados, textos opinativos sem fundamentação e produções que tratavam de tecnologias educacionais sem relação com a identidade docente.

Após a filtragem inicial, procedeu-se à leitura exploratória e, posteriormente, à leitura analítica, seguindo o percurso metodológico sugerido por Severino (2016) para investigações de natureza bibliográfica. Em seguida, o corpus foi organizado em eixos temáticos produzidos a partir das recorrências observadas, que compreendem quatro eixos: (1) autonomia e saberes docentes; (2) padronização e controle; (3) intensificação e precarização do trabalho; e (4) impactos das tecnologias inteligentes na prática pedagógica. Esses eixos permitiram identificar convergências, divergências e lacunas ainda presentes na produção científica.

Para garantir transparência ao processo de seleção e possibilitar a visualização sintética das contribuições de cada estudo, apresenta-se, a seguir, o Quadro 1, que reúne os artigos selecionados, seus objetivos, metodologias, principais achados e sua relação com os eixos analíticos estabelecidos.

Quadro 1 – Publicações selecionadas que abordaram a plataformização da educação

Autor/Ano	Tema investigado	Metodologia	Principais achados sobre a plataformização	Eixo temático
Generali (2022)	Plataformas como mediadoras da atividade docente	Revisão teórica	Plataformas reorganizam o trabalho, redefinem o papel do professor e deslocam a autonomia pedagógica para estruturas algorítmicas.	Autonomia e saberes docentes
Alves (2021)	Objetificação do trabalho docente em ambientes digitais	Análise crítica	A docência é reduzida a execução de tarefas definidas pela plataforma, esvaziando a natureza intelectual do trabalho.	Padronização e controle
Sousa (2025)	Impactos da IA generativa no trabalho docente	Estudo teórico-conceitual	Sistemas de IA tendem a padronizar respostas, substituir mediações humanas e intensificar processos de automatização pedagógica.	Tecnologias inteligentes e docência
Simionato e Hobold (2021)	Efeitos da padronização curricular gerada por plataformas educacionais	Análise documental	Plataformas impõem modelos homogêneos de ensino, enfraquecendo a construção coletiva de currículos e saberes locais.	Padronização e controle
Silva e Couto (2024)	Intensificação e precarização do trabalho docente digital	Estudo empírico	A plataformização amplia a carga de trabalho, aumenta o monitoramento e acentua pressões performativas.	Intensificação e precarização
Ferreira (2023)	Reconfiguração da profissionalidade docente em ambientes mediados por tecnologia	Revisão bibliográfica	A identidade docente é tensionada pela lógica mercadológica das plataformas, que redefine responsabilidades e expectativas.	Identidade docente
Silveira (2020)	Capitalismo de plataforma na educação	Ensaio crítico	Plataformas educacionais operam segundo modelos de negócio baseados em coleta de dados e monetização, reorganizando relações de poder na escola.	Autonomia e saberes docentes
Campos (2019)	Tecnologias na reorganização do trabalho pedagógico	Estudo teórico	Argumenta que plataformas importam racionalidades produtivistas para a prática educativa, reduzindo o espaço de criação pedagógica.	Padronização e controle
Santos (2025)	Plataformas e performatividade docente	Análise crítica	A mensuração contínua das performances docentes promove	Intensificação e precarização

			competição, vigilância e erosão da dimensão formativa.	
Oliveira (2023)	Plataformas e conhecimento escolar	Revisão teórica	As plataformas filtram e selecionam conteúdos segundo protocolos próprios, influenciando o que é validado como “conhecimento escolar”.	Tecnologias inteligentes e docência

Fonte: As autoras.

Embora não se trate de um número pequeno de produções, verifica-se que são escassas as pesquisas que abordam de maneira aprofundada a articulação entre trabalho docente, racionalidades tecnológicas e políticas de digitalização no contexto brasileiro e latino-americano. Também são necessários estudos sistemáticos que explorem de maneira aprofundada o papel de cada participante do processo de ensino e aprendizagem, aluno, professor, gestor escolar e recursos instrucionais, e os impactos da plataformização na identidade profissional docente. Nesse contexto, é vital fomentar a pesquisa e a produção acadêmica sobre as implicações das plataformas digitais na educação, especialmente no que tange à constituição da identidade profissional docente.

A ampliação do repertório teórico por meio de autores diversos possibilita um aprofundamento nas discussões sobre a interseção entre tecnologia, educação e sociedade, além de colaborar para a construção de uma identidade docente que resista à lógica da padronização e da mercantilização do ensino, valorizando a autonomia, a criatividade e o compromisso ético com a formação humana. Tendo esses aspectos em vista, realizamos também um levantamento bibliográfico internacional, a fim de assegurar uma análise mais ampla, que considere a plataformização da educação como um fenômeno que permeia a totalidade social. Foram localizados 33 materiais e selecionados 10 autores. Os critérios de busca basearam-se na relevância dos materiais e produções teóricas, assegurada pelas citações e meios de divulgação fidedignos.

É importante mencionar que, por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, que não envolve seres humanos, está dispensada de submissão e aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme orientações do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). Ainda assim, o estudo respeita os princípios éticos da integridade acadêmica, conforme preconiza a Declaração de Helsinque (1964), garantindo o devido crédito às obras utilizadas e a fidedignidade na interpretação dos autores.

Na exposição dos resultados, a discussão está organizada em dois momentos. Iniciamos com a análise mais ampla do fenômeno da plataformização da educação, a fim de situá-lo em meio às demandas socioeconômicas atuais e, na sequência, discutimos e problematizamos seus efeitos para a identidade e a autonomia profissional docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. O conceito de plataformização da educação e a abrangência de seu alcance

A discussão sobre a plataformização da educação demanda, inicialmente, o esclarecimento conceitual acerca do termo, dada sua polissemia e frequente uso impreciso nas produções acadêmicas. Mintz (2019) destaca dois sentidos recorrentes para a noção de plataformização: o primeiro, ligado à consolidação das plataformas digitais enquanto modelo técnico e econômico dominante na web e nas mídias sociais; e o segundo, relacionado à lógica sistêmica que se estende para diferentes domínios sociais e econômicos, incluindo a educação.

Essa abordagem é reforçada por Helmond (2015), que identifica as plataformas como infraestruturas hegemônicas nas redes sociais online, e por Van Dijck *et al.* (2018), ao tratarem da transição da “plataformização da web” para uma mais abrangente, a “plataformização do social”, resultando no que denominam “sociedade de plataformas”.

As plataformas digitais são definidas por Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 4) como “[...] infraestruturas (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”.

Para ser considerado bem-sucedido em suas operações, os mecanismos de plataforma se beneficiam do chamado *efeito de rede*, no qual seus serviços, informações e funcionalidades necessitam alcançar uma ampla base de usuários de forma constante. Isso garante que a quantidade de usuários que optam por deixar a plataforma seja sempre insignificante quando comparada ao número de novos usuários. O funcionamento das plataformas educacionais, conforme evidenciado pelos autores analisados, depende da ampliação contínua de sua base de usuários e da circulação permanente de dados produzidos no cotidiano escolar.

Embora os estudos específicos sobre *efeito de rede* não integrem diretamente o corpus deste estudo, os trabalhos de Generali (2022), Silveira (2023) e Campos (2019) demonstram que a expansão das plataformas no campo educacional responde à lógica de concentração e dependência tecnológica: quanto maior o número de escolas, professores e estudantes vinculados ao sistema, maior é a capacidade das plataformas de estruturar fluxos de trabalho, padronizar práticas e consolidar formas de controle que se retroalimentam.

Essa ampliação da adesão não ocorre de modo neutro, pois, como apontam Alves (2021) e Simionato e Hobold (2021), a incorporação massiva de usuários aumenta a capacidade de monitoramento, intensifica a coleta de informações e reforça a padronização das práticas pedagógicas, contribuindo para a formação de ambientes educacionais altamente regulados por métricas e indicadores algorítmicos.

Desse modo, quanto maior o número de usuários, mais dados estão disponíveis para aprimorar o desempenho dos algoritmos que sustentam um sistema contínuo de disponibilização de informações e serviços. Consequentemente, o valor comercial da plataforma cresce, uma vez que ela consegue atrair uma

base de usuários cada vez maior. Nesse sentido, tratar do processo de expansão da plataformização na educação requer atentarmos para o fato de que estão em jogo interesses econômicos mundiais e cifras vultuosas de lucros.

No processo da plataformização, os dados devem ser empregados para proporcionar conveniências, como receber recomendações precisas em buscas por referências, músicas ou filmes. Entretanto, por trás desse processamento, há usos dos metadados que não são fornecidos conscientemente pelo usuário, como exemplos, estão buscas e comportamentos online, geolocalização, investigações científicas, reconhecimento facial, entre outros.

Essa dinâmica está inserida no contexto do que alguns autores, como Srnicek (2017), definem como “capitalismo de plataforma”, uma fase do capitalismo baseada na extração, organização e monetização de dados. Em nossa compreensão, não se trata de uma nova fase do capitalismo, mas sim de uma de suas estratégias atuais para a ampliação do capital. Em meio ao vasto emprego desse recurso destaca-se a plataformização da educação, um fenômeno contemporâneo que consiste na incorporação intensiva de tecnologias digitais, por intermédio de plataformas educacionais, nas rotinas pedagógicas e de gestão escolar.

Esse fenômeno se manifesta por meio da apropriação crescente dos processos pedagógicos por grandes conglomerados tecnológicos e por *edtechs*, como apontam Hillman *et al.* (2020). Ele assume desse modo funções estruturantes nas instituições escolares, muitas vezes sem regulação ou debate público. Trata-se, portanto, de um processo que ultrapassa a dimensão tecnológica e alcança aspectos estruturais da organização do ensino e da atuação docente. No campo da atividade profissional educacional, essa lógica se materializa por meio da padronização de práticas pedagógicas, do controle algorítmico do desempenho e da conversão da atividade docente em dados monitoráveis e quantificáveis.

No livro *The Platform Society*, Van Dijck, Poell e Waal (2018) exploram, de maneira mais detalhada, o fenômeno mundial da plataformização da educação. Além de introduzirem o conceito de plataforma juntamente com seus mecanismos variados, os autores dedicam um capítulo completo para explicar como a plataformização tem impactado a educação. Ao final de suas análises, os autores sugerem que esse fenômeno coloca em xeque a noção convencional da educação como um bem público.

A plataformização da educação resultou em uma intensa tensão com os valores públicos, que historicamente estavam enraizados em instituições, normas e códigos profissionais, agora cada vez mais contornados e ultrapassados. Os processos de dataficação, personalização e comercialização infiltraram-se profundamente na estrutura da educação, remodelando não somente o conteúdo dos materiais educacionais e os métodos de aprendizado dos alunos, mas também impactando os princípios pedagógicos e a própria organização das escolas e universidades. A dataficação e a personalização, de fato, suscitam uma série de preocupações sociais, éticas e normativas relacionadas ao tipo de educação que as crianças enfrentarão no futuro. A mercantilização transformou os dados de aprendizado em uma moeda de grande valor. Num mundo interconectado, a interoperabilidade tecnológica se tornou um veículo para a comercialização, e as plataformas educacionais emergem como um campo de batalha onde se travam conflitos entre interesses privados, corporativos e públicos. Portanto, a salvaguarda da educação como bem comum demanda uma vigilância extra, especialmente em um setor que ainda é visto como público, especialmente na Europa (Van Dijck; Poell; Waal 2018, p. 134).

Outra produção relevante, publicada durante a pandemia e assinada por 16 pesquisadores (Cone *et al.*, 2021), ilustra o rápido avanço da digitalização da educação em países europeus, explorando cinco estudos de caso distintos, incluindo nações como Itália e Alemanha. Os autores identificam como, ao longo da última década, três processos interconectados têm se desenvolvido de forma proeminente na Europa: a privatização branda da educação, a “dataficação” das atividades educacionais e a própria plataformização da educação. Para diferenciar esses processos, detalhamos abaixo os elementos que os caracterizam.

- *Soft Privatization* ou privatização branda: refere-se aos processos nos quais as tecnologias privadas e plataformas comerciais são incorporadas à gestão da educação pública. Essa forma de privatização está vinculada, por um lado, ao desenvolvimento da governança em rede na União Europeia, em que associações, grupos de reflexão e provedores de tecnologia estão informalmente envolvidos nos processos de formulação de políticas e, por outro lado, à crescente delegação de operações públicas a agentes não estatais (privados) (Van Dijck; Poell; Waal, 2018).

- Dataficação das atividades educacionais: refere-se à divulgação de dados sobre atividades e conhecimentos educacionais, nos quais abstrações mensuráveis e quantificáveis são usadas para construir e representar quem, o quê e onde os dados são considerados valiosos em ambientes educacionais e processos de governança (Cone *et al.*, 2021).

- Plataformização da educação: refere-se ao impacto acentuado da digitalização por meio de plataformas educacionais, indicando um processo em que empresas individuais e/ou redes comerciais se envolvem na “coleta sistemática, processamento algorítmico, circulação e monetização de dados de usuários” (Van Dijck; Poell; Waal, 2018, p. 134).

Como se constata, esse fenômeno mundial é bastante amplo e abarca distintas dimensões da educação. Embora a plataformização seja um fenômeno global, suas manifestações variam conforme contextos políticos e estruturais. É importante mencionarmos que, no Brasil, o fenômeno também é verificado e a plataformização é impulsionada pela Nova Gestão Pública (NGP), que introduz princípios do setor privado como eficiência, desempenho e produtividade na administração pública, e ganha força a partir dos anos 2000, sobretudo após a pandemia de Covid-19.

A acelerada expansão das tecnologias educacionais intensificou um movimento já identificado na literatura crítica: a crescente privatização dos processos pedagógicos e administrativos da educação pública, agora por meio de plataformas digitais. Para Silveira (2023), a incorporação dessas tecnologias não se limita a apoiar o trabalho docente, mas integra um modelo de governança no qual empresas privadas passam a exercer influência direta na formulação de políticas educacionais e na condução das práticas pedagógicas. Essa lógica, que o autor caracteriza como privatização *estrutural*, se materializa quando plataformas comerciais assumem funções tradicionalmente públicas, como gestão, avaliação, distribuição de conteúdos e acompanhamento de desempenho.

Esse processo tem ganhado contornos específicos, sobretudo a partir de políticas estaduais de digitalização do ensino. A título de ilustração, o estado do Paraná intensificou esse processo com a implementação de Plataformas Digitais de Aprendizagem (PDA) e sistemas de gestão integrados, em parceria com grandes empresas de tecnologia, como Google, Microsoft e Amazon. Também inseriu a Rede Colaborativa Online (RCO) no contexto da educação, que se destaca como uma plataforma fundamental para as instituições escolares, pois ela pode integrar conteúdos, oferecer suporte pedagógico e facilitar a interação entre professores e alunos, em nível local (Blasco-García *et al.*, 2023). Salienta-se que a integração localizada demonstra como as plataformas educacionais não têm apenas impacto global, como também se adaptam às necessidades e realidades específicas das comunidades educativas.

O que se constata são os altos volumes de recursos públicos envolvidos nesse processo, o que denota sua funcionalidade para a reprodução do capital. Para termos um parâmetro, em tempos de ajustes neoliberais e enxugamento de investimentos em educação, Sczip (2024) avalia que, apenas no estado do Paraná, houve um investimento pesado na aquisição e expansão dessas plataformas. Nos anos de 2021 e 2022 foram firmados contratos com empresas como a *Matific* (ensino de matemática gamificado), *Khan Academy* (conteúdo em larga escala e adaptativo) e o *Google for Education*, cujos valores, juntos, ultrapassaram os R\$ 20 milhões. Tais investimentos ocorreram sem ampla discussão com a comunidade escolar, seguindo uma lógica de privatização, por meio da terceirização das funções pedagógicas e da gestão educacional, configurando o que é comumente denominado de privatização indireta da educação pública.

A abrangência internacional e nacional demonstra a ampla aplicabilidade da plataformização da educação. No Brasil, esse fenômeno assume diferentes finalidades, como:

- Distribuição de conteúdos padronizados, geralmente baseados em competências da BNCC;
- Registro de presença e desempenho dos alunos;
- Aplicação e correção automatizada de avaliações;
- Análise de dados via inteligência artificial (como o uso do *Power BI*);
- Monitoramento das metas institucionais, inclusive com penalidades para docentes e unidades escolares que não as atingem.

Em face deste cenário, a identidade docente é reconfigurada e seu trabalho apresenta novos desafios, que necessitam ser desvelados e problematizados à luz desses elementos que caracterizam a totalidade social nessa etapa de desenvolvimento do capitalismo.

2. Identidade profissional e trabalho docente em meio à plataformização da educação.

A trajetória do professor é marcada por um processo constante de formação e transformação identitária, que perpassa a formação inicial e estende-se ao longo da carreira. Dubar (1998) destaca que essa identidade se constrói na intersecção entre a trajetória pessoal e as exigências do ambiente de trabalho. No caso do magistério, essa construção ocorre quando o futuro docente internaliza não só

conhecimentos pedagógicos, mas também concepções sobre seu papel social. Durante a prática pedagógica, essa identidade é reafirmada ou questionada nas interações com alunos, colegas e gestores.

A sala de aula funciona como um espaço de reflexão e reconhecimento, onde o professor se enxerga e é reconhecido pelos outros. Essa visão reforça que a identidade docente não é inata, mas socialmente construída, conforme destacado por Day (1999), que a define como um fenômeno complexo e multifacetado. A identidade profissional do professor articula duas dimensões essenciais: a pessoal, que envolve crenças, valores e atitudes; e a social, que compreende as condições de trabalho, políticas públicas e relações profissionais.

Lima (2012) argumenta que a identidade profissional resulta da constante negociação entre essas dimensões. O professor deve adaptar-se às novas demandas educacionais e sociais, preservando sua concepção de docência. Essa articulação é crucial para construir uma identidade sólida, capaz de enfrentar os desafios cotidianos com equilíbrio e coerência. Entretanto, o cenário contemporâneo apresenta desafios que fragilizam essa construção identitária. A precarização do trabalho docente, refletida na desvalorização da profissão, baixos salários, sobrecarga e reformas constantes, compromete não só as condições objetivas, mas também a autopercepção do educador, conforme aponta Garcia (1999).

Além disso, a fragmentação da identidade docente, causada pelas múltiplas e, por vezes, contraditórias funções exigidas do professor como transmissor de conteúdos, mediador, gestor e conselheiro, gera tensões internas que dificultam a consolidação de uma identidade coesa e positiva, impactando diretamente a qualidade da prática educativa. Assim como ocorre com outros profissionais, o processo de trabalho docente sofre as pressões e determinações da lógica capitalista, não havendo neutralidade nesse processo e nem estando o mesmo na dependência de fatores exclusivamente subjetivos. Nesse sentido, podemos afirmar que a plataformização da educação constitui um fenômeno multifacetado, profundamente inscrito nas dinâmicas do capitalismo contemporâneo e diretamente implicado na reorganização do trabalho docente.

Sendo assim, consideramos importante problematizar a tendência à *naturalização da plataformização* como caminho inevitável. Trabalhos como os de Silva e Couto (2024) e Pretto *et al.* (2021) discutem o *protagonismo do ecrã* e demonstram a centralidade dada ao aparato tecnológico, que muitas vezes desloca o debate da esfera pedagógica para a esfera instrumental, reduzindo a identidade docente à capacidade de adaptação e gestão de sistemas digitais. Essa redução merece ser criticada, pois obscurece o papel do professor como sujeito histórico, produtor de conhecimento e agente político. Ademais, cabe salientar que nesse debate nem sempre são questionados de modo radical os interesses econômicos que sustentam esse protagonismo.

Outro ponto de tensão é o *discurso de inovação*. Lopes (2023) e Fontes (2022) reconhecem potencialidades criativas no uso de mídias audiovisuais e redes digitais. Contudo, a crítica que se impõe é se tais experiências realmente promovem autonomia docente ou se funcionam como espaços limitados de

experimentação, dentro de uma moldura tecnológica já previamente definida por grandes corporações. Em outras palavras, a inovação ocorre *apesar das plataformas* e não necessariamente *por causa delas*.

Ferreira (2023) e Sousa (2025) reconhecem potencialidades no uso de tecnologias, mas sua análise crítica revela que tais possibilidades frequentemente se desenvolvem em espaços restritos, delimitados por plataformas que já definem percursos, recursos e formas de interação. A autonomia docente, nesses casos, não se constitui como escolha livre, mas como adaptação a um formato previamente estruturado por empresas tecnológicas. Assim, a inovação ocorre dentro de limites estreitos, muitas vezes reforçando a lógica padronizada que a plataformização pretende justificar como modernização.

Observa-se que a plataformização se constitui como um processo que ultrapassa o uso instrumental de tecnologias e passa a configurar uma nova lógica de organização da atividade docente. Para Generali (2022), a plataformização corresponde à incorporação crescente de sistemas digitais que não apenas oferecem suporte técnico, mas estruturam, prescrevem e condicionam as práticas pedagógicas. Silveira (2023) amplia essa compreensão ao argumentar que a expansão das plataformas está vinculada a modelos empresariais que reconfiguram a governança educacional, transferindo decisões pedagógicas e curriculares para dispositivos privados. Em sintonia com esse movimento, Campos (2019) ressalta que as plataformas introduzem racionalidades gerenciais no cotidiano escolar, instaurando formas de controle, monitoramento e padronização que interferem diretamente na autonomia profissional do professor.

Nesse sentido, a plataformização da educação manifesta-se como fenômeno amplo, marcado pela reorganização das rotinas escolares, pela redefinição dos fluxos de trabalho e pela conversão de práticas pedagógicas em dados mensuráveis. Isso se evidencia nos estudos de Alves (2021) e Simionato e Hobold (2021), ao demonstrarem que as plataformas promovem a homogeneização das práticas e a padronização curricular, impondo sequências, trilhas e tarefas que orientam o trabalho docente segundo parâmetros externos. A lógica que sustenta essas transformações está diretamente ligada à busca por eficiência, previsibilidade e controle, como destacam Santos (2025) e Silva e Couto (2024), ao analisarem os impactos da intensificação e da vigilância algorítmica sobre a docência.

A *dataficação do trabalho docente e dos processos educativos*, evidenciada por Santos (2025) e Silva e Couto (2024), é central nesse movimento. Os dados gerados, como registros de tarefas, frequências, interações, desempenho, navegação e tempo de conexão, tornam-se insumos fundamentais tanto para o funcionamento dos algoritmos quanto para a gestão educacional alinhada a princípios gerencialistas. Esses dados não se limitam ao que o usuário produz conscientemente; eles se constituem como metadados que revelam padrões de comportamento, ritmo de trabalho, engajamento, preferências e níveis de cumprimento das atividades. Essa dimensão da plataformização reforça mecanismos de vigilância e responsabilização docente, criando uma cultura de performatividade na qual o professor se vê permanentemente avaliado, como descrevem Santos (2025) e Simionato e Hobold (2021).

A lógica de dados e metas acaba por reduzir o ensino a um produto quantificável e transformar o professor em fornecedor de insumos para alimentar algoritmos de avaliação institucional. A própria criação

de conteúdos, avaliações e estratégias pedagógicas acaba sendo apropriada pelas plataformas, o que levanta a questão: se o fruto da criatividade docente está sendo convertido em dados monetizáveis, não se trata também de uma forma de exploração digital do trabalho? Essa problematização encontra reforço em Silva (2022), ao evidenciar como as EdTechs avançam sobre a educação sob a lógica do capital, transformando professores em operadores de sistemas, o que configura uma forma contemporânea de subsunção ao capital.

A plataforma coloca em tensionamento a própria noção de *educação como bem público*, como já apontado por Van Dijck, Poell e Waal (2018). Na acepção de Silveira (2023), a crescente presença de empresas privadas na gestão das rotinas escolares e no controle dos processos pedagógicos gera um deslocamento da esfera pública em direção a interesses corporativos, alterando as finalidades formativas. Campos (2019) acrescenta que essa lógica reforça práticas de gestão escolar baseadas em eficiência, padronização e controle, distanciando-se de princípios pedagógicos voltados ao público, que valorizam a diversidade, a autonomia e a formação integral.

Ao discutir a expansão das tecnologias inteligentes no cotidiano docente, Ferreira (2023), Oliveira (2023) e Sousa (2025) mostram que esses sistemas não apenas organizam conteúdos, mas também produzem *novos enquadramentos epistemológicos*, nos quais o conhecimento é filtrado, hierarquizado, validado e distribuído segundo critérios algorítmicos, e não segundo princípios educacionais historicamente construídos. As plataformas, ao operarem por meio de recomendações automáticas e curadoria algorítmica, passam a mediar a relação entre professor, aluno e conhecimento, produzindo novas hierarquias de saberes e deslocando a autoridade cognitiva tradicionalmente atribuída ao docente.

Generali (2022) reforça que esses sistemas funcionam como estruturas prescritivas que orientam as decisões pedagógicas, enquanto Simionato e Hobold (2021) apontam que sua adoção leva à homogeneização curricular e à redução da diversidade metodológica. Ao mesmo tempo, como demonstram Santos (2025) e Silva e Couto (2024), a integração dessas plataformas acarreta intensificação do trabalho docente e maior controle das rotinas escolares por meio de métricas e indicadores institucionalizados.

O tema da *padronização* também merece crítica incisiva. Simionato e Hobold (2021) mostram que diretrizes curriculares nacionais operam como instrumentos de controle, e quando articuladas às plataformas digitais, consolidam um modelo de ensino parametrizado, monitorável e comparável. Nesse contexto, a identidade docente é esvaziada de sua dimensão criativa e ética, sendo reconduzida a uma lógica de executor.

Por fim, a inserção da Inteligência Artificial no campo educacional (Sousa, 2025) é, até o momento, tratada de maneira exploratória, mas já revela riscos de deslocamento ainda maior do trabalho docente. A crítica aqui não se limita ao medo da substituição, mas questiona o apagamento da dimensão humana da docência quando algoritmos são chamados a desempenhar funções pedagógicas. A pergunta que se impõe

é: até que ponto a identidade docente resiste quando o professor é reposicionado como *supervisor de máquinas*?

Corroboramos com Alves (2021) e Ferreira (2023) ao conceber que a plataformização altera profundamente a natureza da atividade docente, com a automatização de registros, a definição de percursos de aprendizagem, a aplicação e correção de avaliações, além da produção de análises por inteligência artificial e monitoramento de metas escolares. Professores e estudantes passam a organizar seu cotidiano a partir de sistemas que definem conteúdos, prazos e formas de avaliação, criando um ambiente em que as iniciativas autônomas e criativas são desestimuladas. Conforme apresentado, esse processo envolve também uma disputa epistemológica, uma vez que a autoridade sobre o conhecimento escolar migra do professor para a plataforma (Oliveira, 2023).

Tudo isso é propagado com a promessa de *inclusão* via plataformas, o que é constantemente desmentido pelos próprios dados trazidos nas pesquisas. Generali (2022) e Carvalho (2022) mostram que, em vez de democratizar o acesso, as plataformas aprofundam desigualdades, marginalizando migrantes, estudantes da educação especial e comunidades periféricas. A crítica aqui recai sobre a retórica oficial das políticas educacionais e corporativas, que anunciam inovação e acessibilidade, mas, na prática, transferem ao professor a responsabilidade por mediar problemas estruturais de conectividade, acessibilidade e recursos pedagógicos, além de lidar com contextos de desigualdade estrutural, sem oferecer condições materiais de enfrentamento. Esse processo intensifica a precarização emocional, técnica e teórica da docência, ao exigir respostas para problemas que ultrapassam seu campo de ação.

É possível afirmar, por conseguinte, que a plataformização da educação tem reconfigurado profundamente o trabalho docente, produzindo sentimentos recorrentes de esvaziamento profissional e reduzindo a atividade pedagógica a tarefas operacionais. Sczip (2024) aponta que muitos professores paranaenses, por exemplo, relatam sentir-se como apêndices da parafernália digital, pois se percebem como meros executores de rotinas tecnológicas, realizando atividades repetitivas de conferência de acessos, preenchimento de relatórios e envio de materiais previamente elaborados pelas plataformas. Esse fenômeno confirma a análise de Campos (2019), segundo a qual a docência, quando subordinada a sistemas digitais prescritivos, perde sua dimensão formativa e reflexiva, aproximando-se de um trabalho fragmentado e altamente controlado.

Essa transformação representa um deslocamento do papel formador para o de operador técnico, o que marca um processo de *subsunção real do trabalho docente ao capital*, nos termos de Marx (1994). Sendo assim, esse processo não pode ser analisado de forma descolada da exploração do trabalho que norteia a lógica do capital. Esse cenário também se articula à intensificação e precarização descritas por Santos (2025) e Silva e Couto (2024). A ampliação das tarefas administrativas, o monitoramento constante por métricas e a imposição de metas inalcançáveis deslocam a centralidade do trabalho docente para atividades de natureza gerencial.

Além disso, a figura do professor como *tutor de plataforma* ou *multiplicador*, frequentemente nomeado sem condições adequadas ou reconhecimento profissional, reforça hierarquias internas e tensões no coletivo docente, contribuindo para uma cultura de vigilância e divisão entre pares. Essa reorganização evidencia um processo de responsabilização individual que esvazia o sentido coletivo da profissão e intensifica a precariedade. O conhecimento produzido no cotidiano escolar passa a integrar sistemas de análise que alimentam modelos comerciais, instaurando uma disputa epistemológica na qual o valor do trabalho docente é capturado, reorganizado e, muitas vezes, monetizado sem reconhecimento da autoria. Isso reforça a crítica presente em Generali (2022): as plataformas não apenas dão suporte à docência, mas a reconfiguram, apropriando-se de aspectos centrais da prática pedagógica.

A plataformização, portanto, longe de representar uma inovação pedagógica emancipadora, tem se mostrado um mecanismo de controle, padronização e desprofissionalização do magistério, o que acarreta o esvaziamento do fazer docente, com impactos diretos na constituição da identidade profissional. Ela deixa de ser construída sobre a autonomia, o saber pedagógico e a intencionalidade formativa, para ser subordinada à lógica dos algoritmos e da performatividade digital.

Diante desse quadro, é imprescindível refletir sobre como esses processos afetam a construção da identidade profissional do professor. Esse campo de estudo vem ganhando relevância nas discussões educacionais contemporâneas, pois envolve a forma como o docente se percebe e se posiciona no seu contexto de atuação, considerando não apenas competências técnicas, mas também valores, crenças e sentimentos inerentes à prática pedagógica. Como visto, essa construção identitária é influenciada por múltiplos fatores, como a formação inicial, as experiências profissionais, as relações interpessoais e o contexto social e político em que o professor atua.

Com a plataformização da educação, o professor perde centralidade como agente intelectual e ético da formação humana, enquanto ganha destaque como executor de processos tecnodeterminados. Assim, a fragmentação identitária e o sentimento de deslocamento expressam não apenas tensões individuais, mas a crise estrutural de um projeto de educação que, ao ser capturado pela lógica das plataformas, reconfigura os sentidos do ensinar e desafia profundamente a constituição da identidade profissional docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A plataformização da educação revela-se como um processo complexo, multifacetado, que articula dimensões econômicas, tecnológicas, políticas, gerenciais e epistemológicas, impactando profundamente a organização do ensino e o exercício da docência. Longe de representar apenas a inserção de tecnologias digitais no cotidiano escolar, ela manifesta-se como um processo econômico, político e epistemológico, que redefine estruturas, práticas e sentidos da educação pública. Como demonstrado, as plataformas introduzem racionalidades gerenciais que padronizam o ensino, intensificam a vigilância sobre docentes e

estudantes, convertem práticas pedagógicas em dados e transferem funções historicamente públicas para corporações privadas, tensionando os valores que sustentam a educação como bem comum.

Observa-se que tais mudanças impactam de maneira decisiva a constituição da identidade profissional docente. Os professores, tradicionalmente reconhecidos como sujeitos de decisão pedagógica e produtores de conhecimento, passam a ser reposicionados como operadores de sistemas digitais, submetidos à performatividade algorítmica e a protocolos que reduzem sua autonomia. Esse deslocamento identitário revela-se no sentimento recorrente de esvaziamento, de intensificação laboral e de redução da docência a tarefas instrumentais, o que fragiliza a dimensão ética, criativa e relacional que caracteriza a profissão.

Tal movimento tem implicado diretamente na construção da identidade profissional docente, marcada pela tensão entre a autonomia pedagógica e a dependência técnica. Além disso, a inserção das plataformas no cotidiano escolar intensifica a precarização das condições de trabalho e a fragmentação do fazer docente, impondo múltiplas demandas e gerando tensões que fragilizam a percepção do educador sobre sua própria profissionalidade e o significado de sua prática pedagógica.

Os estudos também evidenciam que esse processo não ocorre de forma homogênea: aprofunda desigualdades já existentes, penaliza professores que atuam em contextos vulneráveis e produz barreiras adicionais para estudantes com deficiências, migrantes e populações vulneráveis e periféricas. Os resultados indicam, portanto, que compreender a plataformização exige uma análise para além da dimensão técnica, atentando para disputas de poder, reconfigurações epistemológicas e processos de privatização que atravessam a educação pública.

A dataficação e mercantilização do ensino, ao reduzir o trabalho docente a insumos quantificáveis e comercializáveis, promovem a alienação do professor em relação ao processo educativo, corroendo os fundamentos da profissionalidade e da intencionalidade formativa. Assim, a plataformização não apenas limita o exercício da autonomia, mas também ameaça a função social da educação, essencial para a formação de sujeitos críticos e conscientes da complexidade do real.

Diante dessa realidade, torna-se imperativo um debate crítico que reconheça a centralidade do saber pedagógico e a necessidade de resguardar a autonomia do professor como condição *sine qua non* para a qualidade e a justiça educacional. A resistência a essa tendência exige o desenvolvimento de políticas públicas, práticas institucionais e movimentos coletivos que se oponham à mercantilização crescente do trabalho docente e promovam formas de uso da tecnologia que valorizem a complexidade e a riqueza do fazer educativo.

A fim de contribuir para o avanço dos debates, identificamos três dimensões centrais que demandam maior aprofundamento teórico: (1) abordagens estruturais que denunciem o papel do capital e das políticas públicas na plataformização; (2) a desconstrução da naturalização acrítica da tecnologia, vista como inovação inevitável, que despolariza o debate sobre identidade docente; e (3) explicitação das contradições entre o discurso de inclusão e a realidade de exclusão e precarização. Mais do que evidenciar

impactos, a tarefa crítica é revelar que a plataformização não é neutra, mas um projeto político-econômico que redefine a docência e fragiliza sua identidade profissional, ao mesmo tempo em que abre espaços restritos e, por vezes, ilusórios, de reinvenção pedagógica.

Assim, reafirma-se que resistir à captura da educação pela lógica das plataformas requer a valorização do professor como sujeito intelectual, político e formador, bem como a defesa de projetos educacionais que priorizem autonomia, pluralidade epistemológica e o compromisso com a formação humana. A plataformização não encerra o debate sobre o futuro da docência; ao contrário, abre espaço para disputas fundamentais que determinam que tipo de escola, de conhecimento e de sociedade se pretende construir.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Matias. Os efeitos da pandemia e a escola com futuro: proposições para a construção de outra escola. *In*: Conselho Nacional de Educação – CNE. **Estado da Educação 2020**. Lisboa: CNE, 2021. p. 288-298. Disponível em: https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estado_da_educacao/EE2020_WEB_04.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

BLASCO-GARCÍA, M. Carmen; HUERTAS-ZURRIAGA, Ariadna; CASANOVAS-CUÉLLAR, Cristina; JANEIRO-OCHOA, Eva; MUÑOZ-REY, Pilar; PERPIÑAN-GROGUES, Marina; CASTELLÀ-CREUS, Mònica. Impacto de la pandemia por COVID-19 en la implantación de una guía de buenas prácticas sobre las lesiones por presión. **Gerokomos**, Barcelona, v. 34, n. 4, p. 277-281, 2023. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1134-928X2023000400009&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 25 jul. 2025.

CAMPOS, Paola Souto; DA SILVA, Sângela Azevedo; DE SOUZA VASCONCELOS, Renan; Indústria 4.0: um aporte teórico sobre o cenário atual da tecnologia no Brasil. **ITEGAM-JETIA**, Manaus – AM, v. 5, n. 19, p. 56-60, 2019. Disponível em: <https://itegam-jetia.org/journal/index.php/jetia/article/view/493>. Acesso em: 20 jul. 2025.

CARVALHO, Giulia Gewehr de. **Pandemia Covid-19 e a educação especial: implicações para o trabalho docente**. 2022. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022.

CONE, Lucas; BROGGER, Katja; BERGHMANS, Mieke; DECUYPERE, Mathias; FÖRSCHLER, Annina; GRIMALDI, Emiliano; HARTONG, Sigrid; HILLMAN, Thomas; IDELAND, Malin; LANDRI, Paolo; VAN DE OUDEWEETERING, Karmijn; PLAYER-KORO, Catarina; BERGVIKEN RENSFELDT, Annika; RÖNNBERG, Linda; TAGLIETTI, Danilo; VANERMEN, Lanze. Pandemic Acceleration: Covid-19 and the emergency digitalization of European education. **European Educational Research Journal**, [S.l.], v. 21, n. 5, p. 845-868, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/14749041211041793>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14749041211041793>. Acesso em: 15 ago. 2025.

DAY, Christopher. **Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente**. Porto: Porto Editora. 1999.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1998.

FERREIRA, Janaína da Silva. **A profissionalização, a formação e o conhecimento profissional docente: um estudo das práticas colaborativas de um programa residência pedagógica em educação física**. 2023. Tese

(Doutorado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Unesp, Rio Claro, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9ba5098f-ed90-43ad-99a4-f218a8397afa/content>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FONTES, Nayara Evellyn Santos. **Rede digital e educação: práticas interativas nos perfis de professores/as de língua portuguesa**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999.

GENERALI, Sabrina. Plataformização da educação e pandemia no contexto migratório: desconexão e exclusão. **SÉCULO XXI: Revista de Relações Internacionais - ESPM**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2022. Disponível em: <https://seculoxxi.espm.br/xxi/article/view/196>. Acesso em: 25 nov. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. **Social Media + Society**, Amsterdam, v. 1, n. 2, p. p. 1-11, jul./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2056305115603080>. Acesso em 16 jul. 2025.

HILLMAN, Thomas; RENSFELDT, Annika Bergviken; IVARSSON, Jonas. Brave new platforms: a possible platform future for highly decentralised schooling. **Learning, Media and Technology**, v. 45, n. 1, p. 7–16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17439884.2020.1683748>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17439884.2020.1683748>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LIMA, Luis. **Formação e identidade profissional docente: um estudo de professores iniciantes**. São Paulo: Paulus. 2012.

LOPES, David Santana. **Plataformização e a formação de professores das ciências da natureza: interfaces com as mídias audiovisuais e sonoras**. 2023. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

MARX, K. **O capital**. Crítica da Economia Política: livro 1. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MINTZ, André Goes. Mídiação e plataforma: aproximações. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 98-109, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2019.150347>. Disponível em: https://revistas.usp.br/novosolhares/pt_BR/article/view/150347. Acesso em: 29 jul. 2025.

OLIVEIRA, Bruno Simões Garcia de. **O impacto de novas tecnologias educacionais estudos sobre plataforma educacional**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica da São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/41076/1/Bruno%20Sim%C3%B5es%20Garcia%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em 10 ago. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras-estudos midiáticos**, São Leopoldo - RS, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01/60747734>. Acesso em: 29 jul. 2025. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>.

PRETTO, Nelson De Luca; AMIEL, Tel; BONILLA, Maria Helena Silveira; LAPA, Andrea. Plataformização da educação em tempos de pandemia. In: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (ed.). **Educação e tecnologias digitais: desafios e estratégias para a continuidade da aprendizagem em tempos de COVID-19**. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. p. 221-250. Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20220928131659/estudos_setoriais-educacao_e_tecnologias_digitais.pdf. Acesso em: 01 ago. 2025.

SANTOS, Beigna Pereira Rodrigues. A relação entre formação docente e tecnologias digitais durante a pandemia sob a perspectiva das produções acadêmicas em Educação publicadas entre 2020 e 2023. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Goiânia – GO, 2025. Disponível em:

https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/2469/3/disserta%C3%A7%C3%A3o_Beigna%20Santos.pdf.

Acesso em: 20 ago. 2025.

SCZIP, Rossano Rafaelle. A plataformização da educação na Rede Estadual do Paraná: impactos sobre o trabalho docente e na disciplina de História. **Palavras ABEHrtas**, Ponta Grossa – PR, n. 9, p. 1-10, 2024.

Disponível em: <https://www.palavrasabehrtas.abeh.org.br/index.php/palavrasABEHrtas/article/view/107>

Acesso em: 25 jul. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Patrícia; COUTO, Edvaldo Souza. Plataformização da aprendizagem e o protagonismo do ecrã nas práticas pedagógicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 40, n. 40, p. 2024. DOI:

<https://doi.org/10.1590/0102-469839146>. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/39146>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SILVA, Paula Alves Pereira. **EdTech e a plataformização da educação**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Capitalismo preditivo e os sistemas algorítmicos. In: PENTEADO, Cláudio; Pellegrini, Jerônimo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Plataformização, inteligência artificial e soberania de dados: tecnologia no Brasil 2020-2030**. São Paulo: Ação Educativa, 2023. p. 119-142. Disponível em:

https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2024/01/tecnologia_no_brasil_2020_2030.pdf#page=119.

Acesso em: 27 jul. 2025.

SIMIONATO, Margareth Fadanelli; HOBOLD, Márcia de Souza. Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professores: padronizar para controlar? **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista - BA, v. 17, n. 46, p. 72–88, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8917>. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/8917>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SOUSA, Ricardo Lima Praciano de. **A inteligência artificial e a educação: uma investigação sobre como docentes percebem a IA e suas potenciais consequências educativas**. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. 1. ed. Buenos Aires: Caja Preta, 2017.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford: Oxford University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190889760.001.0001>.

Disponível em: <https://academic.oup.com/book/12378>. Acesso em: 25 jul. 2025.

Submetido: 16/09/2025

Correções: 27/11/2025

Aceite Final: 06/02/2026